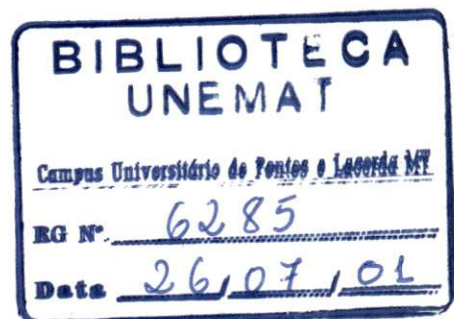


UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

“ PROFESSOR: LEITOR OU AVALIADOR? ”

Alice Fante Nunes de Oliveira
VIII SEMESTRE



PONTES E LACERDA, MT – JULHO / 2001

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
CURSO: LETRAS
SEMESTRE: VIII
DISCENTE: ALICE FANTE NUNES DE OLIVEIRA

“ PROFESSOR: LEITOR OU AVALIADOR? ”

**Monografia apresentada ao curso de Letras da
Unemat (MT) como requisito parcial para a
obtenção do grau de licenciatura em Língua
Portuguesa, Inglesa e Literaturas.**

Orientadora: Cleunice Maria de Andrade Silva.

PONTES E LACERDA, MT – JULHO / 2001

“ A melhor maneira que a gente tem de fazer possível amanhã alguma coisa que não é possível de ser feita hoje, é fazer hoje aquilo que hoje pode ser feito. Mas se eu não fizer hoje o que hoje pode ser feito e tentar fazer hoje o que hoje não pode ser feito, dificilmente eu faço amanhã o que hoje também não pude fazer. ”

(Paulo Freire)

AGRADECIMENTOS:

- Àquele que é a essência da minha existência e sempre esteve ao meu lado, iluminando-me, DEUS;
- a minha família, pela força, incentivo e pelo amor que tem por mim. Em especial ao meu esposo Gilmar e minha filha Daniella, que por inúmeras vezes, deixei de compartilhar do que gostamos juntos para dedicar-me aos estudos;
- a minha irmã Leide que durante estes anos digitou meus trabalhos, sendo amiga, incentivadora e com quem pude trocar muitas idéias e experiências;
- aos amigos Dr. José Inácio Ribeiro e sua esposa Dra. Cristina que não mediram esforços, colaborando e apoiando-me nos momentos que precisei;
- a todos os meus mestres, meu reconhecimento por tudo e em especial à professora Cleunice, que em meio a tantas indagações deu-me forças para que eu pudesse continuar;
- aos colegas de sala, (em especial a Rita e a Santinha) que juntos traçamos metas e com dificuldades conseguimos caminhar e partilhar o nosso conhecimento;
- enfim, a todos que colaboraram para que feitos como esse se realizassem, meus sinceros agradecimentos.

DEDICATÓRIA

Quando vencemos uma batalha ou superamos uma dificuldade, sentimos quão gratificante é o sabor da vitória ao atingir o objetivo almejado.

Estes quatro anos de estudos na UNEMAT foram de muita luta, desafios e os problemas, assim como as alegrias, não foram poucos, mesmo porque não somos anjos e obstáculos fazem parte de nossas vidas.

Se conseguimos vencer todas as barreiras e chegamos ao final, não foi por mérito próprio, mas graças a Deus e a todos os professores que nos acompanharam e ajudaram a sermos formadores de uma consciência crítica e dessa forma nos capacitaram para enfrentar o mundo tal qual ele é.

Quero dedicar este trabalho em especial à professora Shirlei Aparecida de Fátima Gaspar Máschio, pois sua presença marcante foi muito importante na minha caminhada. Em meio a tantas dúvidas e questionamentos, por uma vontade não nossa, mas de Deus, não conseguimos juntas concluir este Ensaio Monográfico.

A morte dessa amiga e renomada professora trouxe a separação e esta é carregada de saudades. Ela partiu e como sabemos é muito boa a partida quando temos onde chegar. Sempre quando partimos, o ideal é encontrar algo melhor. Esta é a nossa esperança. Para nós, cristãos, a morte é simplesmente um obstáculo onde, em vida, treinaremos para que o salto seja acertado e possamos do outro lado, sentir o gosto da vitória. É bom viver sabendo que morrer não é o fim, mas o início de uma vida perfeita. Em nossa jornada terrena, sempre estamos almejando algo mais, adquirindo conhecimentos e transmitindo-os. Às vezes se ganha algo e às vezes se perde algo, mas a vida é assim, sei que ganharei um certificado, mas perdi uma AMIGA. Para ela, viver tornou-se uma batalha, na qual pensava somente em garantir o melhor para todos que a rodeavam. Hoje partiu para outra etapa, outra vida e de lá, com certeza sente-se feliz e gratificada por ver seu trabalho valorizado.

Assim, é por esta e tantas outras razões que conservaremos na memória as boas coisas que aconteceram em nossas vidas durante estes quatro anos que caminhamos juntos, considerando as dificuldades como uma chave para abrimos as portas para um futuro melhor, pois a cada obstáculo vencido, redobram-se as experiências e ampliam-se os horizontes.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
O QUE PENSAM ALGUNS ESTUDIOSOS SOBRE O ASSUNTO.....	09
CRITÉRIOS DA PESQUISA	11
A ANÁLISE	12
PALAVRAS FINAIS	20
BIBLIOGRAFIA	22
ANEXOS	24
ANEXO 1	25
ANEXO 2	26
ANEXO 3	27
ANEXO 4	28
ANEXO 5	29
ANEXO 6	30

APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem por objetivo dar ênfase à questão “educação”, considerada por muitos estudiosos como um dos maiores problemas do nosso país.

O tema que abordaremos neste Ensaio Monográfico despertou-me a atenção desde os primeiros anos da vida escolar de minha filha, hoje com doze anos. Vendo os textos produzidos por ela e corrigidos da forma como relatarei nas páginas seguintes, deixou-me bastante preocupada.

Quando ingressei na faculdade, o meu interesse foi ainda maior, pois percebi a minha volta, colegas de sala de aula (professores), que ainda corrigiam textos com caneta vermelha e pior, pediam que seus alunos escrevessem uma página inteira com a “palavra errada”, sem analisar o objetivo que foi proposto para o texto e também sem levar em conta a historicidade dos alunos, assim como nos primeiros anos da vida escolar da minha filha. Com isso, não estou querendo dizer que sou contra a correção, de maneira alguma. Mas tudo tem o seu momento, forma e a hora certa.

Após quase quatro anos, já no final do VII semestre, quando juntamente com alguns colegas da UNEMAT fomos até a cidade de Guajará-Mirim – RO e participamos de uma palestra intitulada “A constituição do sujeito na produção de textos orais e escritos” com a Professora MS. Tânia Rocha Parnigiani (UNIR – Porto Velho – RO), palestra essa, que veio de encontro com o que eu pensava pesquisar, pois ela dizia que a tendência das gerações futuras é a simplificação, é o sistema lingüístico se acomodando e aí o papel do professor é de suma importância. Disse ainda que, o mestre deve ser coerente e partir do universo do aluno. No momento que o professor dá e cria condições de produção a tendência do aluno é aprimorar-se cada vez mais.

Esta pesquisa seria muito longa se tivesse que englobar cada acontecimento, cada experiência que presencio, enfim, tudo o que vejo e ouço sobre este polêmico assunto.

A fim de delimitar o meu corpus estaremos abordando mais especificamente aqui, a forma como o professor corrige uma produção escrita.

Porém, para falar sobre tal assunto, não poderíamos deixar de lado a questão da leitura, visto que, leitura e escrita são processos de construção do significado e estão essencialmente

inter-relacionadas. Dessa forma, uma será o reflexo da outra.

Estaremos usando para esta pesquisa três textos produzidos por alunos de três salas, quintas séries – Ensino Fundamental – de escolas diferenciadas sendo que os mesmos passaram pelo crivo da correção das professoras regentes. Vale ressaltar que as próprias professoras titulares ajudaram-me na seleção dos textos que estão em anexo. Incluiremos também, uma entrevista, em forma de questionário, realizada com as três professoras de Língua Portuguesa das referidas séries. Lembramos ao leitor que os questionários e os textos são os originais, sendo que os últimos estão com a correção tal qual fora feita pela professora da classe.

A pesquisa supra citada tem o intuito de satisfazer uma necessidade pessoal, também ver e de antemão mostrar que professores, os quais agem da forma que relataremos a seguir, na maioria das vezes, criam um bloqueio na vida da criança, acarretando um prejuízo que o acompanhará por todo o seu processo não só escolar, mas também profissional e pessoal.

Embasando-me nestes itens, é que proponho-me a desenvolver este Ensaio Monográfico, à luz da teoria defendida por alguns estudiosos sobre o tema em questão. Citamos entre eles Eni Pulcinelli Orlandi (Análise do Discurso), Sírio Possenti e Marcos Bagno (lingüistas).

O QUE PENSAM ALGUNS ESTUDIOSOS SOBRE O ASSUNTO

Segundo Sírio Possenti, o objetivo da escola é ensinar o português padrão. Sobre esse assunto cria-se algumas divergências e muitas vezes chegamos à conclusão que a escola deve criar condições para que o português padrão seja aprendido, pois o não-padrão os alunos já sabem. Assim sendo, há muitas variações lingüísticas, ou seja, não existe nenhuma sociedade na qual todos falem da mesma forma. Percebemos que isto é o reflexo de uma sociedade com diferentes papéis e *status*, fatores estes que fazem com que estas diferenças se reflitam na escrita.

Para analisarmos a escrita (produção de textos), é preciso pensarmos antes a questão da leitura no desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem da língua materna. Necessário se faz que tenhamos em mente um conceito de linguagem, a partir do qual possamos estabelecer as bases em que esse processo acontecerá.

Tomamos por referência a linguagem como forma de interação entre as pessoas, um espaço de interlocução pelo qual o usuário constitui-se como sujeito do discurso, sofrendo a ação da linguagem como produto social que é, e, ao mesmo tempo, nela faz as suas interferências.

Sobre isso, Orlandi (Discurso e Leitura) considera que a linguagem não é apenas transmissão de informação, mas é mediadora (transformadora) do homem e da sua realidade natural e social. A autora diz ainda que, o aluno traz para a leitura a sua experiência discursiva, e dessa forma, inclui sua relação com todas as formas de linguagem.

Percebemos que essa interação supõe, no mínimo, dois sujeitos (autor/leitor) e um contexto social específico dentro do qual o processo de interlocução ocorre. A unidade básica do discurso produzido nesse processo é o texto (oral ou escrito).

Dentro desse contexto, Jolibert (Formando crianças leitoras) mostra-nos que ler é questionar um escrito, levantando hipóteses de sentido e a partir disso, buscar indícios coletados no próprio texto, para verificar tais hipóteses. Para ela, isto supõe o desenvolvimento de uma estratégia de leitura, o que não confunde com a decifração linear, e que varia de um leitor para outro, de um texto para outro e de um objeto de procura para outro, como quando se busca, em momentos distintos, informações diferentes num mesmo

texto para que haja interações.

Se para interagirmos com o outro, fazemos através de textos, a escola deve também eleger como unidade básica de trabalho, o texto. A escola sob pena de tornar-se artificial e alheia ao mundo dentro do qual está inserida, deve oferecer a seus alunos oportunidades de tornarem-se cidadãos que possam dominar a linguagem e, com ela, estabelecer uma forma de inserirem-se num processo interativo pelo qual tenham seus dizeres valorizados e respeitados.

Portanto, ler na escola significará ler textos e escrever significará produzir textos, numa dinâmica de trabalho na qual haja interação entre pares e entre professor e aluno, o que desenvolve um processo de discussão em torno das questões lingüísticas surgidas nas atividades de leitura e escrita de textos.

O leitor (professor) que corrigirá um texto, deve ter em mente que toda língua muda e varia, ou seja, não é estática. O que hoje é visto como erro, pode vir a ser perfeitamente aceito como certo no futuro da língua.

Bagno (2000) esclarece nesse caso que, o que está em jogo é a transformação da sociedade como um todo, pois enquanto vivermos numa estrutura social cuja existência exige desigualdades sociais profundas, as variações e as dificuldades de interação entre o próprio aluno e o professor/escola, serão também profundas.

Esse fenômeno que chamamos de “variação”, isto porque nenhuma língua é reproduzida da mesma forma por todas as pessoas, é exatamente o reflexo de uma sociedade em crise, no que refere-se à educação.

Por tudo isso, dizemos que é impossível trabalhar a linguagem (oral/escrita) separada das questões sociais. Quando alguém faz uso da linguagem, o faz de algum lugar localizado na história e na cultura, definidos nas múltiplas marcas de identidade social de acordo com seus valores, ideologias e crenças. Ele é o sujeito do que escreve e mesmo não cumprindo com as regras da escrita formal, permite-nos conhecer seu discurso.

CRITÉRIOS DA PESQUISA

O objetivo principal deste Ensaio Monográfico, como já foi dito anteriormente, é analisar a forma como o professor corrige uma produção escrita. Procuraremos mostrar ainda que, leitura e escrita são duas faces do mesmo processo cognitivo e estão essencialmente inter-relacionadas.

Nesse momento, entram nossas indagações: o professor deverá considerar a “leitura de mundo” (que chamamos historicidade) ou ser um professor/avaliador (que analisa o todo num texto)? São respostas que queremos buscar.

A realização dessa pesquisa ocorreu em dois momentos. Primeiramente, foi elaborado um questionário informativo contendo seis perguntas abertas e entregues a três professoras, que responderiam individualmente cada questão proposta. A seguir, quando recolhemos as entrevistas, pedimos aos docentes para que seus alunos elaborassem um texto, sem darmos sugestões de títulos ou propostas. Isso ficou a cargo da professora, mesmo porque no ensino modular alguns docentes já haviam trabalhado produção de texto e desta forma, aproveitou-se aqueles que já estavam prontos. Pedimos ainda, que os textos já fossem corrigidos da forma como cada professora julgasse necessário, isso antes de nos ser entregues, com a devida autorização dos autores, que doaram-nos as produções para serem anexas a este trabalho.

Voltamos a ressaltar que as próprias professoras ajudaram-nos na escolha dos textos, visto que selecionamos apenas um texto por sala.

Como já dissemos, o alvo dessa pesquisa são três salas de quintas séries do Ensino Fundamental, abstinemo-nos de citar aqui o nome das escolas, dos alunos e das professoras, pois este não é o objetivo de nossas indagações. Vale lembrar que são escolas da rede pública do nosso município.

A ANÁLISE

Como já foi relatado, estaremos abordando nesta análise a postura do professor enquanto corrige uma produção escrita. Porém, observe que para falar sobre essa prática, faz-se necessário uma palavra sobre leitura, visto que esta é reflexo da escrita.

Vamos por partes. É importante lembrar que a milhares de anos não existiam as letras. A invenção de símbolos que representam as idéias é uma das maiores conquistas da humanidade e também fonte de muitas discussões até nossos dias. Prova disso, é a análise dos dados a partir das entrevistas com três professoras de quintas séries do Ensino Fundamental que apresentaremos a seguir.

Ao analisar as respostas das professoras (questionários), estaremos apresentando apenas os pontos divergentes entre as mesmas, isto para não se tornar repetitivo. Nos pontos convergentes, faremos breves comentários.

Para melhor clareza na exposição dos dados, denominaremos professora A, B e C. Segue anexo o questionário original.

Em relação à primeira questão: — *Você é licenciado em Letras? Há quantos anos atua como professor de Língua Portuguesa?*, a professora A respondeu que é licenciada em Letras e atua há dois anos como professora, enquanto que as professoras B e C responderam que não são licenciadas, mas atuam na área há mais de cinco anos.

Sobre a segunda questão: — *Quais os tipos de leitura que você incentiva seus alunos fazerem? Por quê?*, a professora A relacionou que “nossos alunos chegam à escola praticamente sem as leituras que a Instituição exige, ou seja, leituras de poemas, textos informativos, clássicos da nossa literatura e outros”. Sendo assim, disse que procura trabalhar a leitura de mundo do aluno, juntamente com as outras exigidas. Já as docentes B e C responderam que é imprescindível incentivar o aluno a fazer todo tipo de leitura, não importando para que e por que. Pois é através do incentivo que a leitura despertará o interesse de produção (oral e escrita).

Na terceira pergunta: — *Você considera seu aluno um autor? Comente.*, todas as professoras deram basicamente as mesmas respostas: acham seus alunos autores, cada um com maior ou menor intensidade.

Em relação à quarta questão: — *Na sua opinião há uma inter-relação entre leitura e produção de texto? Justifique.*, a professora A aprofundou-se mais na questão, abordando que “com leituras anteriores o aluno é mais argumentativo, mas sua leitura de mundo também conta muito”, enquanto que as professoras B e C, ateram-se mais especificamente à pergunta e concordaram dizendo que leitura e produção caminham juntas e que o ato de produzir inicia-se a partir da leitura.

No que se refere à quinta pergunta: — *Ao avaliar as produções de seus alunos, o que você mais considera: a ortografia, a gramática, a criatividade ou a forma como o texto foi produzido (historicidade do aluno)? Por quê?*, as professoras A e C responderam que consideram a criatividade do aluno, enquanto que somente a professora B respondeu que considera a forma como o texto foi produzido, ou seja, a historicidade do aluno.

Deixamos na sexta questão um espaço aberto para que as educadoras fizessem algum comentário caso julgassem necessário. A professora A absteve-se em fazê-lo e a C relatou que “é preciso abonar a nota número e estar sempre buscando formas avaliativas que enriqueçam o aluno através de conceitos proveitosos, valorizando seu potencial e o seu meio.” Já a professora B deu até uma sugestão descrevendo que “como professores de Língua Portuguesa, devemos ler e incentivar a leitura, para um maior crescimento pessoal e intelectual.”

Ao final das entrevistas, percebemos pelas próprias respostas das professoras, a grande relação que há entre leitura e escrita, por isso faz-se necessário ressaltá-la aqui.

É notório a pretensão das professoras no tocante à leitura, isto é, que as crianças tenham condições e competência para ler no contexto de uma vida cooperativa, pois o ato de comunicação (leitor/texto), instiga o aluno a descobrir informações que em muito contribuirão para o processo ensino/aprendizagem.

Alguns professores têm tentado através da leitura ou da produção de textos, criar condições para que o aluno assuma crítica e criativamente a sua função de sujeito do discurso, seja enquanto falante ou escritor, seja enquanto ouvinte ou leitor/intérprete. E quando a professora A relata na segunda questão que os “alunos chegam à escola praticamente sem as leituras que a Instituição exige”, cremos que cabe à escola desenvolver um projeto de leitura, pois pressupõe-se que se o aluno for incentivado a ler, terá cada vez mais contato com a língua escrita, na qual se usa a forma padrão que a escola quer que ele aprenda, e uma coisa puxa a outra. E continuando ainda na segunda questão, quando a mesma professora relata que procura trabalhar a “leitura de mundo” do aluno em conjunto com as que a Instituição exige,

vale ressaltar que o hábito da leitura perpassa todo o conhecimento de mundo que o indivíduo tem acumulado e que a leitura, portanto, leva a pessoa a rever conceitos e posicionamentos, porque cada um está inserido a um pequeno mundo e assim, fará a conexão com a realidade e seu contexto histórico. Por isso é importante trabalhar essa complexidade que inclusive é afirmada por Orlandi:

Isso mostra como a leitura pode ser um processo bastante complexo e que envolve muito mais do que habilidades que se resolvem no imediatismo da ação de ler. Saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o constitui significativamente. (ORLANDI, 1999: p. 11)

Partindo-se do pressuposto de que o ser humano traz consigo um conhecimento gramatical internalizado, ou seja, implícito¹, compreendemos os meandros da Língua Portuguesa, pois trata-se de um idioma que recebeu e recebe influências de outras culturas. Porém, a maioria das pessoas, ainda não tem acesso a esse conhecimento apesar de, inconscientemente, saber expressar seus sentimentos usando a língua meio. Isto decorre da necessidade de comunicação entre os membros que compõem a sociedade que usam a língua sem preocupação com a estrutura e a formação da mesma. E isso só reforça o nosso pensamento, ou seja, a evolução social é o fator determinante desse processo.

Mediante a esse contexto, cabe ao profissional da língua, atentar para os fatos históricos que compõem a formação lingüística e gramatical dos seus educandos e assim criar condições para que eles possam absorver as informações a respeito do tema abordado. Assim, a leitura não se restringe apenas à análise da estrutura gramatical que compõe os textos e, sim, a interpretação e interação da informação com o meio em que vive o indivíduo.

Neste sentido, o ato de ler torna-se um ato político sistematizado². A partir daí, começa-se a aceitar ou rejeitar as ideologias que estão implícitas ou explícitas no contexto

¹ (Pode-se conceituar como o uso espontâneo e o sistematizado da língua, ou seja, quando o falante externa suas idéias através da oralidade e geralmente, fundamenta-se no conhecimento empírico, pois não há a preocupação com formas gramaticais. Enquanto na escrita, exige-se do usuário da língua o conhecimento sistematizado com o emprego das regras e normas estabelecidas pela gramática normativa)

² (Por sistematizado entende-se que o educando faz conexões do texto lido com o mundo em que atua)

sócio-político / político-cultural da sociedade, da qual todos fazemos parte, dominadores e dominados.

Todos os motivos acima, elencados, em conjunto, com as respostas dos questionários apresentados (principalmente a questão de número dois das professoras B e C), levam-nos à reflexão a respeito da leitura e percebemos a necessidade de que se tenha contato com o maior e mais variado número possível de leituras para que tenhamos acesso aos vários tipos de “leitura de mundo.”

Há cerca de cinquenta anos atrás, alguém que dominava a capacidade de decodificar, que reconhecia letras e palavras, ainda que não fosse capaz de ler e usar a escrita de uma forma útil para sua vida, estava dentro do chamado *analfabetismo funcional*. A pessoa fazia os primeiros quatro anos do Ensino Fundamental e, no final, mal sabia assinar o nome, tomar um ônibus ou quem sabe, ler um bilhete. Isso prova que ela não era um usuário da escrita e na vida cotidiana não conseguia extrair sentidos das palavras, nem colocar idéias no papel por meio do sistema da escrita, pois esta não era tida como prioridade. Assim, percebemos que mudou o modo de ver e ensinar. Então, é preciso que o professor pense, reflita e reformule a idéia de como desenvolver seu trabalho.

Não basta porém falarmos de professor que conheça métodos e diferenças individuais e que leva em conta o limite e o modo de construir de cada um, quando a nossa realidade impossibilita que o professor dê assistência individual aos alunos, em virtude do número exagerado de crianças em salas de aula, bem como as precárias condições das mesmas, a falta de materiais necessários e o próprio sistema que todos estamos inseridos, o qual obriga o educador a exercer mais de uma função, não sobrando tempo, às vezes, para estudos ou inovações pedagógicas. Como afirma a professora B na questão de número três: “se tivéssemos tempo maior iríamos ver que cada um em maior ou menor intensidade sabe criar.”

Para o sistema, o grande objetivo do educador, especificamente o de Língua Portuguesa é formar crianças produtoras/escritoras, isto é, capazes, pois no fim de sua escolaridade elementar, estarem aptas para produzir sozinhas, tanto as necessárias escritas funcionais (cartas, relatórios, etc.), como às narrativas, poemas e cartazes; precisam ainda, ser capazes de dominar suficientemente a sintaxe, o léxico e a ortografia, para que esses escritos sejam coerentes e socializáveis.

Será engano de nossa parte pensarmos que é a escola quem irá resolver os problemas de uma sociedade em crise e cujas conseqüências estão contidas na forma estrutural como ela se organiza. A escola tem sim, ao nosso ver, o dever de construir a crítica intelectual de cada

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

QUESTIONÁRIO INFORMATIVO

1) – Você é licenciado em Letras? Há quantos anos atua como professor de Língua Portuguesa?

R) – Sou licenciada em Letras e atuo há dois anos como professora.

2) – Quais os tipos de leitura que você incentiva seu aluno fazer? Por quê?

R) – Meus alunos chegam à escola praticamente sem as leituras que a instituição exige, ou seja, leituras de poemas, textos informativos, clássicos da nossa literatura e outros. Sendo assim, procuro trabalhar essa "leitura de mundo" juntamente com as exigidas.

3) – Você considera seu aluno um autor? Comente.

R) – Com certeza, uma vez que ninguém chega à instituição sem leituras anteriores e baseando-se nesse aspecto ele é capaz de produzir textos criativos e pertinentes com sua realidade.

4) – Na sua opinião há uma inter-relação entre leitura e produção de texto?

Justifique.

R) – Com leituras anteriores o aluno é mais argumentativo, mas sua leitura de mundo tem um conta muito.

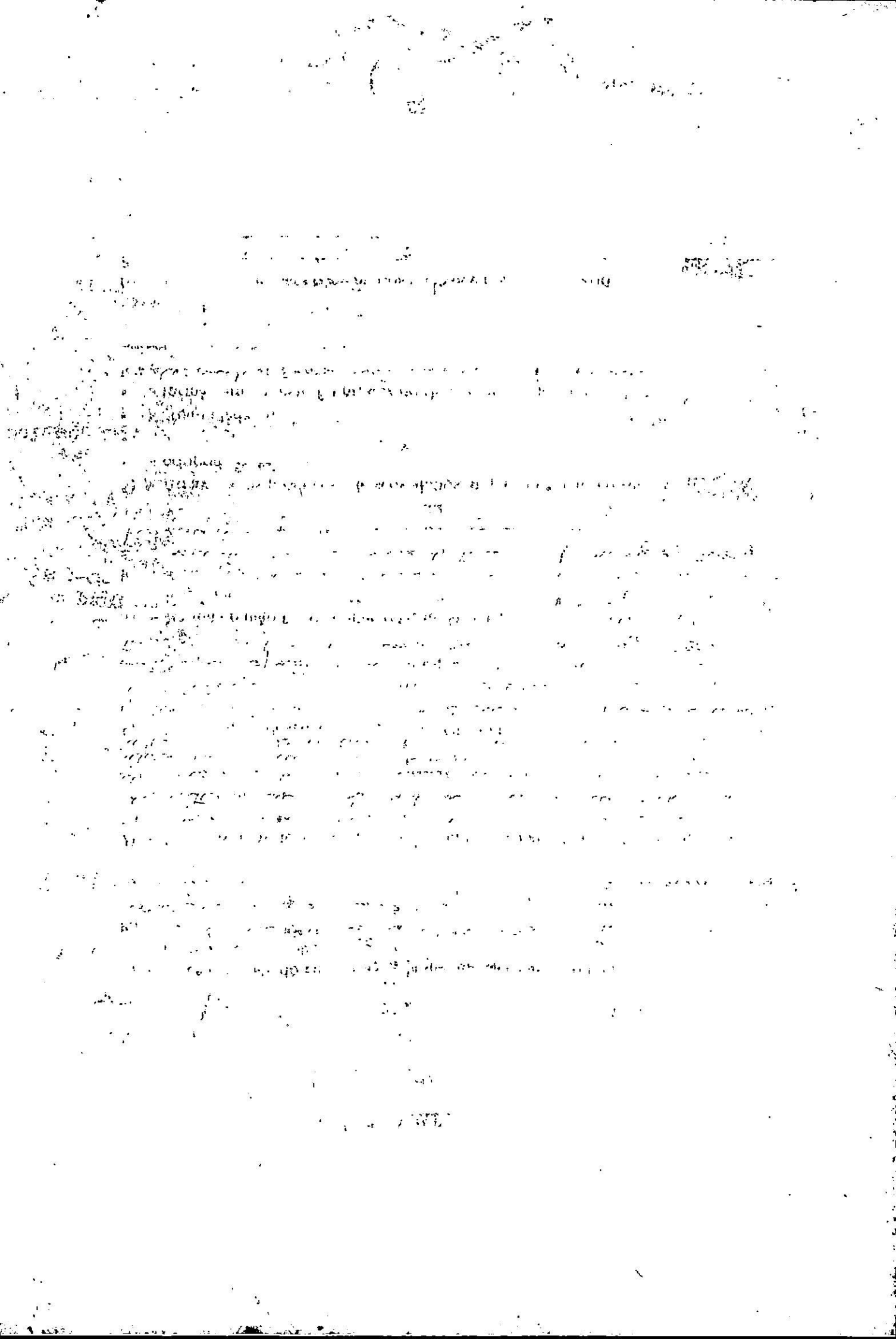
5) – Ao avaliar as produções de seus alunos, o que você mais considera:

- a ortografia;
- a gramática;
- a criatividade ou
- a forma como o texto foi produzido (historicidade do aluno)? Por quê?

R) – Considero com certeza sua criatividade.

6) – Espaço aberto para comentários que você julgar necessário.

R) –



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

QUESTIONÁRIO INFORMATIVO **B**

1) – Você é licenciado em Letras? Há quantos anos atua como professor de Língua Portuguesa?

R) – não. De 6 a 7 anos.

2) – Quais os tipos de leitura que você incentiva seu aluno fazer? Por quê?

R) – todo tipo de leitura, porque dependendo da leitura é um tipo de trabalho e/ou produção

3) – Você considera seu aluno um autor? Comente.

R) – Sim, se tivessemos tempo maior iríamos ver que cada um em maior ou menor intensidade sabe criar

4) – Na sua opinião há uma inter-relação entre leitura e produção de texto?

Justifique. R) – Completamente, a medida que a leitura vai avançando a produção também cresce.

5) – Ao avaliar as produções de seus alunos, o que você mais considera:

- a ortografia;
- a gramática;
- a criatividade ou

☒ a forma como o texto foi produzido (historicidade do aluno)? Por quê?

R) – porque dependendo do aluno o esforço é muito maior.

6) – Espaço aberto para comentários que você julgar necessário.

R) – Como professores de Língua Portuguesa, devemos ler e incentivar a leitura, para um maior crescimento pessoal e intelectual.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

QUESTIONÁRIO INFORMATIVO

C

1) – Você é licenciado em Letras? Há quantos anos atua como professor de Língua Portuguesa?

R) Não. Há mais de cinco anos, mas não licenciada.

2) – Quais os tipos de leitura que você incentiva seu aluno fazer? Por quê?

R) O aluno deve ser incentivado a fazer uso da leitura não importando com o que ler, para que e por que. Pois é através do incentivo que a leitura despertará o interesse de produzir oral e escrito.

3) – Você considera seu aluno um autor? Comente.

R) Sim, todo aluno é autor a partir do momento em que lhe é dada a oportunidade, quer seja nas palavras, frases ou textos, o aluno sempre será um autor até no falar.

4) – Na sua opinião há uma inter-relação entre leitura e produção de texto?

Justifique.

R) Sim, pois a produção dá-se início a partir da leitura, as duas caminham juntas.

5) – Ao avaliar as produções de seus alunos, o que você mais considera:

- a ortografia;
- a gramática;
- a criatividade ou
- a forma como o texto foi produzido (historicidade do aluno)? Por quê?

R) Depende do objetivo programado para aquela aula, mas sem dúvida a criatividade é essencial, prova que o aluno teve o acesso de liberdade consigo e com o texto.

6) – Espaço aberto para comentários que você julgar necessário.

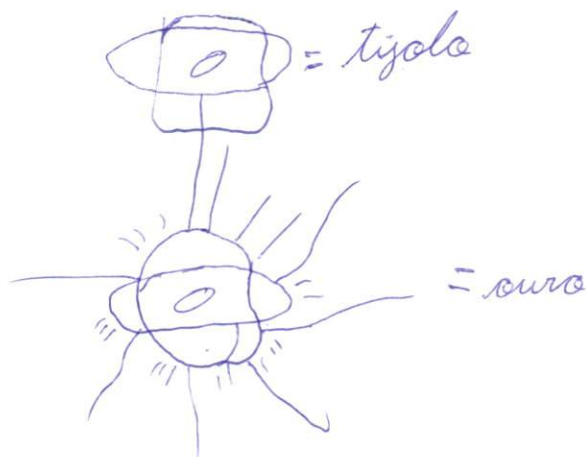
R) É preciso abonar a nota número e estar sempre buscando formas avaliativas que enriqueçam o aluno através de conceitos proveitosos valorizando seu potencial e o seu meio.

A Pedra De Ouro

Um dia eu ~~estava~~ ^{estava} passando (E) eu vi uma
 pedra de ouro e (E) eu peguei e ponhei numa vazilha
 de água cheia de pedra. Eu dechei ^{eu} gãrdado não
 quiz tirar ela da água (E) nuncaquiz tirar
 ela da água (E) um dia (E) eu ponhei, (E) numa
 árvore (E) um dia condo eu fô ^{eu} ver ela não
tava na árvore mais e eu gritei (E)
todo os vizinhos correro ^m para ver-o
 que tava acontecendo lá e um falo ^{eu} já que
 você sempre ficava olhando aquela pedra
 com seu olho regalado por um tijolo no
 buraco e fique de olho igual você olha (E) todo
 dia anoite.

O Tijolo de Oro

Era uma vez um sujeito tão mão-de-vaca uma vez ele achou um mapa no terreiro de sua casa e nesse mapa dizia que tinha um tijolo de oro escondido. e então o sujeito foi a procura do tijolo e não é que ele encontrou? E então ele escondeu o tijolo de oro na chaminé de sua casa e toda vez que ele tinha um tempinho subia encima da casa para ficar olhando para o tijolo de oro. Um dia ele subiu encima da casa dele novamente para olhar o tijolo de oro e seu vizinho estava tomando vinho no quintal e disse: já é a trizessima quinta vez que vejo ele lá igual um bobo olhando para a chaminé quando ele sair daí eu irei lá ver o que ele ~~(está fazendo)~~ tanto faz lá em cima e então o sujeito se despediu do seu tijolo e foi dormir e o vizinho foi lá pelo o tijolo de oro na noite seguinte o sujeito foi olhar seu tijolo novamente e o que ele encontrou nada e então ele começou a gritar robaram meu ouro e veio uma mulher e disse: porque o senhor não coloca uma moeda e fica olhando para igual o senhor olhava para seu tijolo de ouro?



⑥ CONDEINO E LOBO

① O condino estava num posto quando
 muita gente, tão grande.

— Desapareceu o condino com o lobo muito
 formoso, e encontrou o condino quando grande
 quando o condino viu o lobo ali ficou amedrontado.

② O condino pagou para pagar um pouco
 de ar, e o condino com muito medo, e o lobo
 estava ali para comer.

③ O condino começou a comer mais ainda com
 muito medo, e desapareceu o lobo quando: eu

eu de comer porque está alto, alto, e alto
 quando o condino estava

④ O condino pensou: eu vou dar um
 mordido, não lobo porque ali está na vontade.

⑤ O condino deu uma mordida no lobo sem
 no entanto e o lobo começou a gritar, e deu
 um pouco. Foi dar de cabeça, e pararam em cima
 minutos e o lobo morreu.

⑥ O condino estava muito rápido para com-
 com muito medo, e o condino ficou com o medo
 condino e o lobo estavam e os seus irmãos. E

⑦ O condino mais apressado estava ali. E a
 família condino estavam felizes para sempre.